

O Entulho de Memórias: o fim do programa de educação patrimonial Trem da Vale e o arquivo morto

**The Rubble of Memories: the end of the Trem da Vale heritage
education program and the dead archive**

*Maria Isabel Reis Nascimento*¹

*Luciano Magela Roza*²

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Programa de Pós-graduação em História, Brasil. E-mail: belreinsnascimento@hotmail.com.

² Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor adjunto Do Depto. de História da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: lucianoroza@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre o uso de arquivo de natureza privada de história oral, constituídos a partir das demandas corporativas da mineradora Vale S. A. O intuito é contextualizar a estrutura do acervo e problematizar seus limites e possibilidades. Esses documentos ao qual esse artigo busca analisar foram idealizados a partir dos trabalhos do Núcleo de História Oral Trem da Vale, depositados nas Estações Ferroviárias de Ouro Preto-MG e Mariana-MG, depois da finalização do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, em 2015. O contato com o acervo ocorreu depois de um programa de estágio realizado por dois anos no setor de história oral. É importante pontuar que essa pesquisa é resultado de constatações apresentadas na dissertação defendida e aprovada, em 2020, nas mediações da Universidade Federal de Ouro Preto-MG.

Palavra chave: História empresarial; Trem da Vale; Arquivo privado

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the use of a private oral history file, based on the corporate demands of mining company Vale S. A. The aim is to contextualize the structure of the collection and problematize its limits and possibilities. These documents that this article seeks to analyse were created based on the work of the Oral History Nucleus Trem da Vale, deposited at the Ouro Preto-MG e Mariana-MG, railway Stations, after the completion of the Trem da Vale Heritage Education Program in 2015. Contact with the collection occurred after a two-year internship program in the oral history sector. It's important to point out that this research is the result of findings presented in the dissertation defended and approved, in 2020, in the mediations of the Federal University of Ouro Preto.

Keyword: business history; Trem da Vale; Private archive

1 Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale- (PEPTV) e seu contexto de emergência.

No ano de 2006, nas cidades mineiras de Ouro Preto e Mariana foi inaugurado o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale- (PEPTV). Essa empreendimento contou com o incentivo financeiro da Fundação Vale, administrada pela mineradora Vale S. A, e por meio de investimentos da Lei de Incentivo à Cultura³. A organização do projeto, bem como a idealização dos espaços culturais ficou a cargo da empresa de consultoria Santa Rosa Bureau Cultural, localizada na cidade de Belo Horizonte- MG. Além das instituições relacionadas a estruturação e ao financiamento do programa, em sua instalação foram estabelecidas parcerias com o Ministério da cultura, instâncias dos governos estaduais e federais, as prefeituras dos municípios envolvidos e com a Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP.

Antes de continuarmos a apresentação do programa em foco, consideramos fundamental evidenciar a conjuntura na qual empresas privadas passam a investir em ações e programas supostamente preocupados com a responsabilidade histórica, assim como passam a construir núcleos de história oral como elemento estrutural em tais projetos.

Para entender a crescente atenção dada pelas empresas e organizações privadas e públicas em ações de preservação documental e em assuntos voltados para História é preciso reportar as mudanças ocorridas dentro do setor

³ Segundo informações disponibilizadas no site da Secretaria Especial de Cultura, essa ferramenta tem como principal objetivo fomentar a cultura no Brasil. A partir desse mecanismo, as empresas de pequeno, médio e grande porte podem financiar qualquer ação cultural e, a partir disso, receber um abatimento no valor do imposto de renda. Esse instrumento de estímulo ao desenvolvimento cultural é uma das ações proferidas pelo Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) criada em 1991, pela lei 8.313-
<http://antigo.cultura.gov.br/web/guest/programa-nacional-de-apoio-a-cultura-pronac->

empresarial, principalmente no período de adequação as novas exigências socioculturais e políticas demandadas pela sociedade contemporânea, em meados do século XX.

O mundo globalizado trouxe as empresas e organizações demandas, as quais as obrigaram a adequar suas estruturas as novas realidades sociais. Segundo o diagnóstico de Hartog (2014, p. 151) sob as demandas da sociedade contemporânea:

[...] manifesta no presente a preocupação com a conservação (de monumentos, de objetos, de modos de vida, de paisagens, de espécies animais) e ansioso em defender o meio ambiente. Os modos de vida local e a ecologia, de temas exclusivamente contestatórios passaram a ser temas mobilizadores e promissores.

No Brasil, na década de 1980, período da edemocratização, as empresas públicas e privadas passaram por uma reorganização administrativa. Esse processo de mudança levou o setor empresarial a repensarem sua imagem organizacional. Nesse sentido, o setor investiu na organização de seus acervos documentais, museológicos, fotográficos e audiovisuais que de alguma forma representariam a trajetória das empresas.

O final do século XX marcou a inflação de museus, espaços culturais e de memórias financiados pelo setor empresarial. Antes disso, as empresas descartavam seus documentos e objetos que, segundo as princípios de organização japonesa⁴, eram um empecilho para o desenvolvimento da gestão interna das empresas e não acarretaria nada ao futuro da administração.

De acordo com Mendes (2010, p. 294) a utilidade da História na empresa é a:

⁴ Segundo Engel (1981, p.75), o princípio de organização Japonesa, importada dos EUA, surgiu durante o pós- Segunda Guerra Mundial, por volta de 1948, e tinha como objetivo transformar a imagem negativa dos produtos do Japão em uma imagem positiva através do “controle de qualidade”. Conhecida como círculo de qualidade, o intuito era melhorar a produtividade e organização interna das empresas.

[...] organização, utilização e preservação dos arquivos; instalação e gestão de museus, bem como estudo e salvaguarda de colecções e objectos de interesse na história da organização; resolução de questões do foro administrativo ou mesmo do contencioso, quando for necessário exhibir documentação útil para comprovar a titularidade de certos bens ou outras questões problemáticas; selecção de documentos, objectos, plantas ou desenhos de produtos antigos, a fim de serem utilizados pela publicidade, com vista a reforçar a credibilidade, alicerçada na experiência e nas provas dadas.

Retornando ao Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale- (PEPTV), o empreendimento compreendeu a restauração de quatro ramais ferroviários (Estação ferroviária de Mariana, Ouro Preto, Vitorino Dias e Passagem de Mariana), a revitalização de 18 km de linha férrea entre as duas cidades, a aquisição da locomotiva a vapor⁵, usado no transporte voltado para o setor turístico, e a construção de salas museográficas e espaços culturais que representariam um pouco das especificidades locais. Esses espaços eram divididos entre as estações, dentre eles: As bibliotecas, a Sala de memórias a Sala UFOP, a Sala da maquete, o vagão sonoro, o vagão dos sentidos, o vagão do núcleo de história oral e a praça lúdico musical.

Quanto à estrutura interna do programa, ela foi organizada pela equipe de técnicos contratados pela empresa de consultoria Santa Rosa Bureau Cultural para dar subsídio às atividades ofertadas pelo programa. Essas ações foram divididas em quatro frentes: “Vale Registrar”; “Vale Promover”; “Vale Conhecer” e “Vale Preservar”.

⁵ De acordo com a Fundação Vale (2010, p.84) a aquisição da locomotiva a vapor ocorreu em 1949, fabricada pela Skoda, da República Tcheca. Devido aos custos e dificuldades de locomoção da máquina a vapor, o Programa Trem da Vale substituiu a popularmente conhecida Maria Fumaça, adquirindo para compor as viagens do percurso de Ouro Preto para Mariana, a locomotiva a diesel EMD G8, fabricada pela empresa norte-americana Electro-Motive Division (FUNDAÇÃO VALE, 2010, p.84).

O “Vale conhecer” era o subprograma responsável pela interação entre as atividades culturais do Trem da Vale com a comunidade escolar da região. A ideia era conhecer o patrimônio local para então preservá-lo. O “Preservar” compreendia ações de educação patrimonial nos espaços culturais e museais das Estações de Ouro Preto e Mariana. Seu público-alvo era a comunidade local, comunidade escolar e visitante em geral - Turista.

O subprograma “Vale promover” foi estruturado para divulgar todas as ações do programa, para proporcionar o conhecimento de todos sobre as atividades ofertadas. Além disso, a promoção recaía sobre os pontos elencados como representativos no que tange o patrimônio Cultural regional, divulgando-o através de Guias Culturais e festivais de fotográfica.

O “Vale Registrar”, foco de nossa investigação e central para a discussão aqui proposta, era responsável por registrar as ações do programa, além de auxiliar o Núcleo de História oral na produção do acervo de fontes orais. Esse subprograma abrangia técnicos em produção visual e jornalistas.

As diretrizes propostas pela equipe do PEPTV foram baseadas na UNESCO, no relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, de Jacques Delors (2005), intitulado *Os quatro pilares da educação*, dos princípios advindos da metodologia de educação patrimonial e das políticas públicas do patrimônio cultural vigente na época, além de tomar como referência os manuais de História oral para a idealização do Núcleo de História Oral Trem da Vale.

O programa foi mantido pela Fundação Vale até no início de 2015. A parceria foi finalizada com a empresa de consultoria, com os municípios de Ouro Preto e Mariana e com a Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, segundo a mantedora, por motivos de contenção de gastos da mineradora Vale S. A. Contudo, no mesmo período, a diretora da empresa de consultoria Santa Rosa Bureau Cultural, gestora do programa, Eleonora Santa Rosa foi autuada

judicialmente por enriquecimento ilícito e improbidade administrativa, fato que corroborou com o fim das parcerias.⁶

Nesse ponto, devido à falta de recursos, o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale finalizou suas atividades, abandonando todas as produções e materiais nos espaços das quatro estações ferroviárias. Junto com o abandono de toda a estrutura, os acervos de fontes orais advindos de entrevistas com moradores da região sobre sua trajetória de Vida e a respeito da temática mundo do trabalho viraram entulho de memórias, um arquivo morto e subutilizado por pesquisadores e comunidade local.

Mesmo com todo aparato estrutural e teórico dispensado na produção de um arquivo de fontes orais pelo Núcleo de História oral Trem da Vale, o mesmo não foi preservado. A subutilização do acervo de fontes orais demonstra a falta de recursos e ferramentas da própria população para proporcionar uma autogestão dos documentos ali abandonados. Além de evidenciar a dificuldade de pesquisadores em acessar esse conteúdo, por serem produções advindas de arquivos privados.

Diante dessa problemática em torno dos limites e possibilidades dos arquivos privados, o presente artigo busca refletir sobre os usos de acervos de fontes orais e a utilidade deles para a comunidade local e para o campo acadêmico. Afinal, o que fazer com o material produzido pela metodologia de História oral? Como enfrentar a subutilização dessas fontes?

Depois das devidas apresentações referentes à estrutura e diretrizes do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, o próximo tópico dessa

⁶ Sobre o encerramento do projeto devido ao corte de gastos da mineradora Vale S. A ver: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/05/13/interna_gerais,646964/trem-da-memoria-ameaca-descarrilar.shtml. Referente à ação judicial ver: <https://www. hojeemdia.com.br/primeiro-plano/pol%C3%ADtica/ex-secret%C3%A1ria-tem-bens-bloqueados-em-r-6-4-milh%C3%B5es-1.232251http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/01/justica-determina-bloqueio-de-bens-de-ex-secretaria-de-cultura-de-mg.html>.

discussão busca salientar a estrutura do Núcleo de História oral, as produções e o arquivo deixado pela equipe, com intuito de entender mais sobre a natureza e a importância do acervo deixado.

2 Núcleo de História Oral Trem da Vale e seu acervo

2.1 Arquivo Morto: Limites e possibilidades.

Criado em 2008, o Núcleo de História Oral Trem da Vale foi um setor do subprograma Vale Registrar, do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale. De acordo com a Fundação Vale, o núcleo tinha como princípio “mostrar a cara e dar voz aos moradores locais, privilegiando a abordagem das próprias comunidades sobre o seu patrimônio de forma a demonstrar a riqueza e diversidade de sua cultura” (Fundação Vale 2010, p.119). Através da metodologia de história oral, a equipe do Vale Registrar junto com os historiadores responsáveis pelo roteiro das entrevistas registrou depoimentos de públicos estratégicos, demandados de acordo com a temática proposta.

O subprograma Vale Registrar, como mencionado, era dividido em dois núcleos: o núcleo audiovisual e o núcleo de História Oral. O primeiro era composto por especialistas em audiovisual e comunicação, responsável pelo aparelhamento destinado a captar e registrar as entrevistas, além da produção dos produtos culturais (catálogos e documentários). No segundo, a equipe era formada por historiadores, especialistas em história oral, que ficava a cargo de escolher os colaboradores, organizar os roteiros e conduzir as entrevistas.

A partir desses trabalhos, criou-se um grande acervo de fontes audiovisuais e de transcrições de entrevistas, divididas em dois eixos: História de Ouro Preto e História de Mariana. O recorte temporal delimitado pela

equipe do núcleo foi o final do século XIX e o desenrolar do século XX. Dentro desses eixos foram inseridos seis subtemas: História de vida; História da educação; História da mineração; Clubes socioesportivos; História da Ferrovia e Fábricas de tecelagem.

O Núcleo de história oral Trem da Vale escolheu seus personagens de História de Vida e História temática a partir de questões “representativas por sua atuação profissional relevante, seja por fornecerem informações sobre diversos aspectos das cidades de Mariana e Ouro Preto: o cotidiano; o conjunto urbano, a vida social, econômica, política; religiosa e a formação educacional” (NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL TREM DA VALE, 2006, p.15). Além disso, foi considerada a disponibilidade do próprio colaborador e facilidade dele de conceder entrevistas.

A singularidade desse trabalho de captação de entrevistas está no fato de ser uma produção que foi financiada por um fundo privado, no caso, a fundação e Vale, e ter a frente dos trabalhos historiadores especialistas na metodologia de história oral. O acervo de fontes orais deixado pelo núcleo, como veremos ao longo da discussão, contou com a participação da população somente no ato de produção das narrativas, mas não os envolveu no processo de autogestão e manutenção desse arquivo. Pois, afinal, qual a relevância desses trabalhos para a comunidade local? O que fazer com esses arquivos audiovisuais?

O Núcleo de História Oral Trem da Vale era responsável pelo projeto das entrevistas que compreenderia a escolha do tema, do colaborador, delimitação do tempo das entrevistas e sua transcrição. Ao subprograma Vale registrar, composta por técnicos da área de audiovisual a responsabilidade era de transformar as narrativas em registros e produtos culturais, ou seja, tornar todo insumo captado pelo trabalho do historiador em produto comerciável no

mercado cultural e ao setor de marketing da empresa financiadora, no caso, a minerado Vale S.A.

Os catálogos, importantes ferramentas de organização arquivística, pois auxilia o pesquisador e a instituição mantedora na localização dos documentos, foram usados pelo Núcleo De História oral como espaço de divulgação dos trabalhos, além de serem utilizados como ponte de visibilidade da trajetória de vida do entrevistado (a). No período de 2006 a 2014 foram produzidos seis catálogos contendo a história de Vida dos entrevistados, História da Mineração, História da Ferrovia, História da Fábricas de Tecido e História dos Clubes sócio esportivos.

No primeiro catálogo (2006 – 2007), a equipe abordou os temas sobre História de vida (com 10 entrevistas) e as temáticas sobre Mineração (25 entrevistas) e Ferrovia (23 entrevistas). De acordo com a segunda publicação do catálogo (2007 – 2009), além de terem sido realizadas novas entrevistas com os mesmos temas do livro anterior, foi acrescentado, em 2008, a temática sobre as fábricas de tecido de Ouro Preto e Mariana. Entre 2009 e 2011, foram acrescentados às publicações anteriores mais 26 entrevistas biográficas dos moradores e 32 entrevistas temáticas. Nos últimos anos do programa, além de aparecer uma nova temática na produção, em 2013, referente aos clubes sócio esportivos de Ouro Preto e Mariana, o programa de História Oral publicou o livro *Fios e Tramas: A indústria Têxtil em Mariana e Ouro Preto*.

Todo banco de dados foi etiquetado de forma a organizar o acervo para preservá-lo. Na catalogação tanto dos DVDS como das transcrições, os códigos apresentavam informações técnicas sobre a produção e a biografia do entrevistado. Desse modo, de acordo com o primeiro catálogo produzido pelo Núcleo de História Oral, o código de acesso criado pelo núcleo de audiovisual do trem da Vale era: VR (Vale Registrar)- HT (quando era história temática) e HV (quando era história de vida)- MA OU OP (para especificar se as

informações vieram das cidades de Mariana ou Ouro Preto) e no final vinha o número da entrevista.

De acordo com as informações presentes nos catálogos publicados pelo Núcleo de História Oral, na História da ferrovia demandaram 39 colaboradores, 13 mulheres e 26 homens, que atuavam como chefe de máquina; telegrafista; agente de estação; mestre de linha; feitor de turma; maquinista; trabalhador do Armazém; administradores; guarda fio; engenheiro; carpintaria; supervisor de setor; eletricitista; manobreiro; foguista; pintor; fiscal; tratorista de linha e filhos (as) de ex-funcionários (as).

Na História da mineração realizaram 37 entrevistados, todos eram homens, das funções especificadas: Setor de geotécnica e Hidrogeologia; transportador de minério; encarregado; Setor Mecânica; Setor de tratamento de ferro; planejador de mina; Departamento de obra; técnico de operação; coordenador; operador de embarque de minério; pesquisador de escória de alto-forno; topógrafo; químicos; controlador do rendimento dos equipamentos; professores da escola de minas; funcionário da companhia de Minas; almoxarifado; gestor de meio ambiente e garimpeiros.

Na História das Fábricas de Tecido participaram 42 entrevistados, 21 homens e 21 mulheres, suas funções: fiandeiras; tecelã; administradores; gerentes; contramestre; telefonistas; eletricitistas; tintureiros e representantes sindicais. Por último, a História dos clubes sócios esportivos dentre os entrevistados tinha dirigentes, jogadores e participantes da torcida.

Além da organização de um arquivo de fontes orais, trechos das entrevistas foram utilizados em documentários produzidos pelo Vale Registrar. As bases para idealização dos documentários eram os princípios do patrimônio imaterial (modos de fazer, viver e saber). Dentre os assuntos estavam Locomotiva; construção de pontes para a ferrovia; Ferromodelismo; Bandas Musicais; Todos os Tempos; Chuva de Poesia; Circos e educação patrimonial.

Todos os produtos culturais eram depositados num espaço museográfico nomeado como Sala de memórias⁷ onde o conhecimento era socializado com a comunidade local e visitante externos. Os documentários eram divulgados nos espaços culturais das estações de Ouro Preto e Mariana, além de projetados no Vagão sonoro e em mostras de cinemas realizadas nas comunidades envolvidas nos trabalhos.

Em 2015, com o fim do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, os materiais usados na divulgação e atividades do programa foram depositados nas Estações de Vitorino Dias e Passagem de Mariana, e o arquivo de fontes orais abandonado na estação de Ouro Preto e Mariana. Nenhuma ação privada e pública foi organizada para preservação desse conteúdo a respeito do cotidiano social e sobre a História empresarial das localidades mineiras.

Depois dessa explanação referente à natureza dos documentos encontrados no acervo de fontes orais do Núcleo de História Oral Trem da Vale, é possível pensar a respeito da subutilização das fontes orais a partir dos trabalhos advindos do uso da metodologia de história oral. Quais os limites proporcionados por um arquivo privado, com conteúdos que interferem em questões pessoais? Quais as possibilidades do acervo de fontes orais? Será que esses documentos servem somente para fins específicos delimitados numa pesquisa, ou eles podem proporcionar outras funcionalidades dentro dos espaços não acadêmicos? Quais os possíveis usos para esses documentos dentro da História acadêmica?

⁷ Criada em 1º de setembro de 2011, a Sala de memórias era um espaço museográfico que expunha todos os trabalhos audiovisuais do Vale Registrar e as entrevistas organizadas pelo Núcleo e História Oral. A Sala recebia exposições temáticas, de natureza temporária, com objetos que representavam o conteúdo narrado pelos entrevistados. Até 2015, ano de finalização do programa, o espaço recebeu a exposição Ferrovia; Mineração, Educação, Fábricas de tecido, Clube sócio esportivos e Bandas musicais. É importante frisar que esse material era emprestado pelos entrevistados à equipe.

A partir dessas questões levantadas busca-se apresentar a problemática em torno da utilidade do acervo de fontes orais Trem da Vale, demonstrando as possibilidades de uso desses documentos, além da funcionalidade deles para comunidade local e para o espaço acadêmico. É importante refletir sobre ações que podem ser tomadas para tornar os arquivos de documentos não escritos em um espaço interativo o qual abarque públicos diversos, de múltiplas formações e idades. A questão posta é como evitar que arquivos de fontes orais sejam transformados em “arquivo morto”, principalmente quando os mesmos advêm de investimento público/privado.

Em decorrência do fim do programa, todo o acervo produzido pela equipe foi “entulhado” nas estações ferroviárias sem acondicionamento requerido para esse tipo documental. Dentre os materiais constam as entrevistas na íntegra, registradas em DVDs e no formato de transcrições. A partir disso é importante pensar os motivos que tornaram essas “memórias vivas” em arquivo morto. Como trabalhar com um acervo dessa natureza, de formato digital? Quais os limites impostos por esse tipo documental? Qual a possibilidade que esse acervo pode acarretar a comunidade local e acadêmica?

Conforme apontado na introdução, a emergência de ações de investimento em programa voltados para a história oral no interior de grandes corporações empresariais trouxeram consigo a necessidade dos setores de relações públicas de tais organizações investirem em centros de documentação; memória e espaços museográficos que preservavam história empresarial e local. A história tornou instrumento de comunicação e marketing no campo das relações públicas. Para Nassar (2008, p. 26):

[...] os trabalhos de história empresarial desenvolvidos no campo das relações públicas, além de ações comemorativas, tendem a se constituir em programas permanentes voltados para reforçar o sentimento de pertencimento de inúmeros

públicos estratégicos das organizações entre os quais os funcionários, além da utilização desses programas como ferramentas de gestão de conhecimento.

Dentre as ferramentas utilizadas para reforçar o sentimento de pertencimento de inúmeros públicos estratégicos, as empresas usaram a metodologia de história oral como estratégia social e empresarial. Eram envolvidos nessa produção gestores, trabalhadores, colaboradores e comunidade local com intuito de inserir esses atores na cultura organizacional das marcas e como forma de propagar uma imagem positiva junto ao mercado, de empresa atenta a responsabilidade social e histórica.

A partir dessa contextualização sobre a inserção da história na realidade das empresas, pode-se questionar o uso das fontes orais somente como marketing, sem fins de responsabilidade histórica. Através da análise do acervo de fontes orais deixados pelo Núcleo de História Oral Trem da Vale é possível constatar que sua estruturação objetivou a criação de um acervo permanente para usufruto de pesquisadores, além de ponte para interação com a comunidade local. Mas, afinal, o que aconteceu para que os arquivos fossem abandonados?

Os motivos que levaram ao abandono do acervo foram relacionados às questões financeiras de manutenção, a perenidade das ações de marketing, a subutilização das fontes em pesquisas, a falta de divulgação adequada; questões legais e a falta de ferramenta técnica de autogestão por parte da comunidade local. No caso do PEPTV, a equipe se deteve mais na produção do que nas ações que garantiriam o uso desse material por parte da comunidade local e acadêmica, ou seja, ferramentas de interação com diversos públicos, que acarretaria desenvolvimento de novos projetos comunitários, a partir dos conteúdos contidos nos arquivos sobre a história local, narrada pelos próprios moradores.

A nossa Intenção não é afirmar que as novas tecnologias não podem ser utilizadas para dinamizar os arquivos de fontes orais, pelo contrário, essa estrutura pode auxiliar na produção desse conteúdo em filmes, documentários e espaços de memória. Esses suportes midiáticos propagam a informação dos arquivos, proporcionando utilidade para eles.

No caso do Núcleo de História oral Trem da Vale, seu acervo, que demonstra as experiências dos indivíduos em contato com seu espaço social foram transformados em “arquivo morto”. Essa afirmação demonstra que faltou estratégia de ação na qual ampliaria as formas de usos desses conteúdos, seja em pesquisa ou como suporte de atividades educativas. Segundo Souza (2010, p. 82), entende-se por arquivo morto “documentos localizado num depósito qualquer, distante do cotidiano e subutilizado como ferramenta de trabalho, apesar de constituir importante e rica fonte de informação”.

Em 2015, devido ao fim do Programa de educação Patrimonial Trem da Vale e, conseqüentemente do Núcleo de História Oral, a estrutura e os materiais deixados pelo programa idealizado pela empresa de Consultoria Santa Rosa Bureau Cultural e pela Fundação Vale foi adquirida pela Universidade Federal de Ouro Preto, em 2016. Como nova gestora, a instituição reorganizou as atividades culturais e a revitalização dos espaços museográficos, que estavam em condição de deteriorização, pois sua conservação foi prejudicada pelo abandono. Os arquivos de fontes orais não foram contemplados nessa ação.

A nova coordenação não tinha o conhecimento do material, mas perceberam que se tratava de um acervo, pois o mesmo continha séries as quais foram mantidos ao longo de um ano de fechamento, sem perder o arranjo original. Diante do arquivo surgiu a questão sobre o que fazer com esses documentos audiovisuais e transcrições de entrevistas. Qual a importância desses registros?

Os arquivos são espaços que armazenam o registro de todas as atividades humanas. Esses depósitos de memória têm a intenção de lembrar e preservar fatos marcantes, que de alguma forma possuem seu valor histórico para um dado grupo social ou empresarial. Esses espaços são constituídos depois de cumprir sua função ao final das atividades, e sua preservação abre espaço para a gestão de pesquisas, como suporte testemunhal, além de promover a herança cultural de um povo. Como tornar esse conhecimento acessível?

Um dos caminhos para proporcionar a visibilidade dos arquivos, de naturezas diferentes, primeiro seria a publicização dos conteúdos, depois possibilitar ferramentas a comunidade e o governo local para o gerenciamento do acervo. O Brasil, desde a constituição de 1988, no seu artigo 23, de acordo com Merlo e Konrad (2015) criou leis de proteção, mas, as estratégias de preservação e disponibilização de arquivos documentais escritos, só ocorreram em 2004, quando o país aderiu ao *Programa Memória Mundo*, instituído pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a Cultura (UNESCO) em 1992. É importante frisar que não foi sancionando nenhuma ação efetiva para fontes orais nesse período. Sabe-se que o arquivo deixado pelo Trem da Vale é um arquivo privado, mesmo tendo sido financiado, também, por Lei de incentivo à cultura. O problema é como ter acesso a esse tipo de arquivo?

No caso das transcrições das entrevistas a mesma pode ser requisitadas pelos órgãos públicos municipais e conselhos do patrimônio cultural através de sanções de tombamento municipal, possibilitando a publicização desses documentos. Com relação aos produtos audiovisuais, mesmo contendo imagens particulares, eles podem ser utilizados em ações e atividades comunitárias, ou ser disponibilizados em suportes midiáticos de Waveform (WAV) ou novas plataformas digitais de streaming. Esses espaços digitais

promovem os conteúdos além de possibilitar a preservação deles no processo de duplicação.

As fontes orais Trem da Vale , por ser um arquivo privado, precisam lidar com ações burocráticas e de informação documental. Segundo Heymann (2005) falta reconhecimento dos arquivos privados. Mesmo com as iniciativas proposta pela Câmara Setorial sobre Arquivos Privados do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), em 2002, sancionada pela lei dos arquivos n. 8.159, de 1991, que previa a declaração de interesse público e social de arquivos privados, são poucos os espaços de armazenamento de memórias que são reconhecidos legalmente (HEYMANN, 2005).

Isso quer dizer que a visibilidade e o uso desses arquivos privados dependem de iniciativas de movimentos sociais, instituições públicas e privadas que financiam, reivindicam e propagam o conteúdo e a existência desses arquivos. A relevância desses espaços de memória são aferidas pelos produtores das representações ali reportadas, ou seja, a comunidade local e os setores institucionais que auxiliam na publicização das narrativas armazenadas.

No âmbito legal, o acervo de fontes orais Trem da Vale para serem disponibilizados dependem de autorização dos entrevistados ou de seus familiares. Os documentos de cessão de imagem e som assinados pelos entrevistados foram arquivados pela antiga gestora do PEPTV, a empresa de consultoria Santa Rosa Bureau Cultural, localizada em Belo Horizonte-MG, fato que colaborou para a subutilização do material. Outro problema que contribuiu para o abandono do acervo do acervo foi a falta de conhecimento técnico da comunidade local e acadêmico para gerir esses documentos. Por isso, é importante persistir no envolvimento social e político para dar vida a esses espaços de memória, pois são registros que endossam o reconhecimento e valorização de múltiplas histórias.

Com relação ao acervo, uma saída para esse problema de concessão dos documentos seria a doação deles para alguma instituição mantedora de arquivos dessa natureza ou os meios legais de registro de tombamento municipal. Entretanto, no momento, nenhuma ação foi realizada. O acervo continua “entulhado” nos ramais ferroviários.

As possibilidades que esses documentos proporcionam ao campo da pesquisa histórica estão relacionados ao fato de apresentarem a dinâmica socioeconômica da região do quadrilátero ferrífero, que vai além de uma cultura histórica pautada na perspectiva vigente na história de Minas Gerais. Além disso, o conteúdo das entrevistas apresenta um amplo panorama referente a percepção da população sobre o seu território, as relações sociais e construção e representação da memória emergida de um campo em constante disputa e resignificação. Segundo Delgado (2006, p.19) os acervos de fontes orais:

Revela novas possibilidades de pesquisa; permite uma revisão da História; Submerge novas e velhas memórias; possibilita construção de evidências; Serve de base de dados secundários na falta de outros tipos de documentos, redefine a cronologia histórica, dá ênfase a memória subalterna; relaciona vida pública e privada (DELGADO, 2006, p.19).

Diante desses apontamentos de Delgado (2006) sobre as possibilidades de pesquisa que as fontes orais proporcionam, então, quais os motivos da não interferência da UFOP na requisição desse acervo, principalmente por ter na sua grade de cursos ofertados pela instituição Museologia, Turismo e História, disciplinas ligadas à conservação e pesquisa de fontes históricas. De acordo com Alberti (2008), no espaço acadêmico existe a discussão em torno do problema da falta de técnica no tratamento das fontes orais. Os pesquisadores de maneira geral acham que a metodologia de história oral é requerida numa pesquisa com

um fim específico, como testemunho na falta de documentos primários e para confirmar ou refutar suas hipóteses, e não para compor acervos de fontes orais importantes para o campo da pesquisa histórica.

3- Considerações finais

A partir dessas reflexões sobre os limites e possibilidades do acervo de fontes orais Trem da Vale, constata-se que a imagem mercadológica de responsabilidade histórica propagada pelo setor de marketing da mineradora Vale S. A teve gradações diferentes no tocante ao acervo. Nesse sentido, houve a responsabilidade histórica envolto a espetacularização dos produtos culturais idealizados pelo Vale Registrar e o Núcleo de História Oral, dos quais ganharam visibilidade no setor de comunicação social da mineradora Vale, projetando uma imagem de benfeitora da sociedade. Por outro lado, o acervo de fontes orais, que não obteve a devida atenção ou atividades que contribuíssem para sua sustentabilidade e visibilidade.

Assim, no caso, é importante refletirmos os motivos que levaram a disfuncionalidade do acervo de fontes orais idealizados pelo núcleo de História Oral Trem da Vale. Primeiro motivo levantado seria a especificidade do conteúdo produzido, que atingiria grupos ou empresas específicas, por conta dos códigos culturais limitados. Outra forma de pensar o abandono pode ser a falta de ações de incentivo cultural, ou melhor, alfabetização cultural, na qual contribuiria para a diversificação e ampliação de público, além de ser uma importante ferramenta replicadora de informação.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Vender história? A posição do CPDOC no mercado das memórias.** Rio de Janeiro: CPDOC, 1996 a.

_____. **O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado.** Rio de Janeiro: CPDOC, 1996 b.

_____. História Oral e Arquivos. In: **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas.** Organizadora Zélia Lopes da Silva. São Paulo: Editora UNESP; FAPESP, 1999.

_____. **Ouvir Contar: Textos em História oral.** Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

_____. Fontes Oraís: História dentro da História. In: **Fontes Históricas.** Organizadora: Carla Bassanezi Pinsky, 2. ed., 1ª reimpressão, São Paulo, Contexto, 2008.

_____. **Manual de História Oral.** 3. ed. Revista e atualizada. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2013.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral.** 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDREONI, Renata. **Museu, memória e poder.** Em Questão, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 167-179, jul./dez. 2011.

BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: **Fontes Históricas.** Org. Carla Bassanezi Pinsky. 2. ed. 1ª reimpressão. — São Paulo : Contexto, 2008.

DELGADO, Lucilia Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura, 2003. P.9-25

_____. **História oral: Memória, tempo, identidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; ABREU, Alzira Alves de.[etal]. **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HEYMANN, Luciana. **Velhos problemas, novos atores: desafios à preservação dos arquivos privados**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

HEYMANN, Luciana Quillet. **Memórias da Elite: Arquivos, Instituições e Projetos Memoriais**. R. Pós Ci. Soc. v.8, n.15, jan. /jun. 2011.

KERBER, Alessander Mario; OTT, Fernanda. **A construção da história e da memória em empresas privadas no Brasil dos anos 1990 e 2000**. Revista Esboços, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 219-235, ago. 2014.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**. 1. Ed. Museu da Pessoa, São Paulo, 2008.

MACMILLAN, Margaret. **Usos e abusos da história**. Tradução Carlos Duarte e Anna Duarte. Rio de Janeiro, Record, 2010.

MEIHY, José Carlos Born. **Manual de História Oral**. Edição Loyola. São Paulo, 1996.

MERLO, Franciele; KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. **Documento, História e Memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação**. Londrina, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015.

MIRANDA, Marcia Eckert. **Historiadores, Arquivistas e Arquivos**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

MILANEZ, B.; SANTOS, R.S.P.; MAGNO, L.; WANDERLEY, L.J.M.; MANSUR, M.S.; GIFFONI, Pinto R.; GONÇALVES, R.J.A.F.; COELHO, T.P.A **Estratégia Corporativa da Vale S.A.: um modelo analítico para Redes Globais Extrativas**. Versos - Textos para Discussão Poemas, 2018, 1-43.

MOTTA, Marly Silva Da. **Histórias de vida e história institucional: a produção de uma fonte histórica**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1995.

MOLINA, Letícia Gorri; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas**. Revista EDICIC, v.1, n.1, p.262-276, Ene./Mar. 2011. Disponível em: <<http://www.edicic.org/revista/>>.

NASSAR, Paulo. **ABERJE 40 anos: uma história da comunicação organizacional brasileira.** Ano 4. Número 7, 2º semestre de 2007.

_____. **Relações Públicas na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações.** São Caetano do sul, SP: Difusão Editora, 2008. 2º edição.

OLIVEIRA, Mateus Furlanetto de; SALVATORI, Patrícia Carla Gonçalves. **Aberje: duas décadas de trabalhos voltados à responsabilidade histórica e à memória empresarial.** Ano 11, número 20, 1º SEM. 2014, ORGANICOM.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada de subjetividade.** Trad. Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte. UFMG, 2007.

SENA, Rosany Cecília de. **O que a telinha não mostra: a indústria cultural e o Trem da Vale.** Mariana-MG, 2017.

SOUZA, Sara Barbosa de. **Memória Empresarial: interesse utilitarista ou responsabilidade histórica?** São Paulo: S. B. de Sousa, 2010. 130p.

STROHSCHOEN, Ana Maria. **Os históricos e as histórias contadas pelas empresas: mídia ou memória institucional?** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008

VALE, Fundação. **Outras memórias, outros patrimônios: relato técnico do programa de Educação Patrimonial Trem da Vale.** Cord. Eleonora Santa Rosa. Belo Horizonte: Fundação Vale. Rona, 2010.

_____. **Fios e tramas: a indústria têxtil em Mariana e Ouro Preto.** Coordenação editorial: Santa Rosa Bureau Cultural, Belo Horizonte, 2013.
WORCMAN, Karen. A História na empresa: Identidade e oportunidade. In: Espaços na mídia: História, cultura e esporte. Organização Alberto Dines, Brasília, Banco do Brasil, 2001.

Recebido em Setembro de 2020.

Aprovado em Outubro de 2020.